A INTELIGÊNCIA DAS RAÇAS

Carlos Studart FILHO

> Todos podem elevar-se no palco da vida terrena, em justa recompensa, na medida dos seus esforços e dos seus méritos, sem o orgulho da falsa concepção da superioridade racial.
>
> Ministro Djaci Falcão.

Há pouco menos de duas décadas, Carton Putnam, em seu livro RACE AND REASON, A YANKEE VIEW (Raça e Razão, uma Visão Ianque) sustentava, com o maior desassombro, "a inferioridade intelectual genética entre negros", o que virtualmente implicava proclamar a superioridade da raça branca, tese sobremaneira cara aos segregacionistas ianques e que tantos e tão maléficos efeitos tem tido na vida social e política da grande república americana.

Alguns anos mais tarde, idênticos pontos de vista seriam, também, defendidos por Artur R.Jensen, professor de psicologia na Universidade de Berkeley e por William Schockley, prêmio Nobel de física.

Os dois cientistas afirmavam, com efeito, de modo categórico, a hereditariedade da inteligência e, assim, ser inato e, portanto, irrevogável o atraso mental das gentes de cor.

Grande número de estudiosos, geneticistas e psicólogos, entre os quais devem ser citados James F. Crown, da Universidade de Wisconsin, e J. M. Hunt, da Universidade de Illinois, repudiou, porém, essas afirmativas, atribuindo tal deficiência mental a fatores ambientes e, mais particularmente, a uma longa história de privação cultural.

Embora seja lícito admitir que os fatores genéticos e ambientes, atuando em conjunto ou isoladamente, possam ter influência na evolução mental dos seres humanos e que, assim sejam, por vezes, as causas determinantes do baixo QI, entre negros, temos que mais amplas, ponderosas, válidas e reais são, porém, nesse particular, as ações sobre elas exercidas pelas condições em que lhes transcorre a vida pré-natal.

A carência de alimentos indispensáveis ao desenvolvimento fetal parece-nos, por isso, um motivo de bem maior relevância.

Tenhamos presente ser a nutrição, sob todos os seus variados aspectos, o fator que leva o homem ao perfeito desenvolvimento somático, funcional e psíquico.

Em contrapartida, a deficiência alimentar retarda, consoante é sabido, o crescimento ponderal dos indivíduos e tolhe, em parte, o natural evolver de seu psiquismo e, o que é mais grave, também o desabrochar das faculdades superiores da inteligência.

Os bebês que, por motivo de insuficiência alimentar das genitoras, foram mal nutridos no decorrer da vida intra-uterina, tornam-se, de ordinário, seres marcados para o infortúnio ou para a inferioridade social. Assim ocorre, porque as células nervosas do córtex cerebral, carentes de alimentação, nos dias iniciais do seu crescimento, tornar-se-ão mioprágicas e jamais poderão recuperar-se e alcançar o tamanho a que deveriam normalmente atingir.

Entre os elementos indispensáveis ao desenvolvimento global do feto estão as vitaminas, cuja deficiência tem sido apontada até como uma das causas do mongolismo.

Professores da Universidade de Colúmbia, diz-nos um autor, publicaram, recentemente, os resultados de uma das mais extraordinárias experiências levadas a efeito, nestes últimos anos, em maternidade americana. Em Norkolf, no Kentucky, sede da referida instituição, 1.200 mulheres receberam um suplemento de vitaminas B e C durante a prenhez, enquanto outras 1.200 gestantes conservavam o seu regime alimentar habitual, a fim de servirem de testemunhas.

Quatro anos mais tarde, todas as crianças, oriundas dos dois grupos de gestantes, foram submetidas a testes de inteligência.

O QI para uma média de cem crianças, a cujas mães haviam sido ministradas as vitaminas suplementares atingiu 109,4, enquanto o das crianças da mães testemunhas não ia além de 98,4.

Segundo o Dr. Arthur I. Gales, que orientou as experiências, elas haviam, sobejamente, demonstrado a possibilidade de ser melhorada a encerebração das crianças ainda no ventre materno.(1)

Igualmente inferiorizados serão aqueles, cujas genitoras se tornam vítimas de enfermidades de variados tipos ou fizerem uso continuado de substâncias tóxicas durante a gravidez.

Especialistas, dos mais credenciados nos setores da genética e da puericultura, estudando, por sua vez, a influência do fumo na gravidez, concluíram ser ele, com efeito, não apenas um veneno para a gestante, senão, também, para o feto, cujo sistema nervoso lesa de maneira irremediável, inibindo o desenvolvimento dos neurônios do córtex cerebral.

Há quem pretenda que o fumo contribui, ademais, para a determinação do sexo do futuro bebê, tolhe o crescimento do feto e dificulta, outrossim, as primeiras horas de vida do recém-nato.

Reforça, em parte, tal afirmativa, o depoimento do Dr. Pierre Vallay — Vice-presidente da Sociedade Francesa de Psico-Profilaxia Obstétrica — segundo o qual o bebê de mulher que fuma nasce menos resistente e apresenta muita semelhança com os que provêm de parto prematuro.

Os filhos de mulheres que fumam, diz ele, pesam menos do que os oriundos daquelas que tal vício não cultivam. Essa diferença poderá ultrapassar 200 gramas e está sob a dependência direta do número de cigarros fumados. Ele esclarece, ainda, que experiências, realizadas em animais, comprovam essa relação de causa e efeito.

Isso concorda, aliás, com o parecer do Dr. Paulo Underwood, do Hospital Naval de Bethesda, em Maryland, exposto em relatório apresen-

(1) A obra, vinda a lume pelas alturas de 1939, é citada por Frederich H. Treesh, da U.P.I., em seu artigo — "A Inteligência das Raças" — "Jornal do Brasil", 22/XII/69, e teve, como seria lícito esperar, larga divulgação nos Estados Unidos. O mundo acadêmico em geral repudiou, diz-nos Treesh, o livro de Putnam.

tado na reunião anual de obstetras e genicologistas, em Chicago, e citada por C. Barroso, em artigo intitulado "O fumo exerce complicações na gravidez".

A influência do tabaco na prenhez tem sido, aliás, assunto versado por especialista do mundo inteiro e seus malefícios sobejamente evidenciados.(2)

Se do fumo passarmos aos tóxicos, em geral, e às substâncias medicamentosas de vária natureza, veremos que também eles podem produzir distúrbios consideráveis no desenvolvimento cerebral do feto.(3)

Poderosos fatores de inferiorização psíquica e somática dos recém-nascidos são, ainda, os agentes morbígenos que atacam a mulher durante a gravidez.

O vírus da rubéola, por exemplo, atravessa facilmente a placenta, causando ao feto malefícios sem remédio. Enquanto isso, a genitora será vítima apenas de uma enfermidade benigna que bem poderá passar despercebida à própria enferma.

---

(2) Ver sobre o assunto T. Espille — "Fatores psico-culturais do fumo (Simpósio sobre análise científica e social do fumo). "Gazeta Sanitária" — Ano XVIII, n. 1 — 1969.

(3) Quando falamos em desenvolvimento cerebral, de nenhum modo queremos estabelecer qualquer relação entre o tamanho do cérebro e o grau de inteligência do indivíduo.
Recordamos, baseados em trabalho já antigo de Félix Regnualt (Revue Moderne de Medicine et do Cirurgie, n. 12, dez.1927) que o cérebro de Anatole France, homem alto e forte, pesava apenas 1017 grs e o de Gambeta não ia além de 1160, grs.
Enquanto isso, o de Cuvier atingia 1830 grs e o do poeta Turgueneff, 2020 grs, pouco mais, portanto, do que o peso do cérebro do operário, citado por Bischoff, que era de 1925 grs.
Tenhamos igualmente em vista ser a substância cinzenta das circunvoluções, que preside à associação das imagens, à gênese das idéias. Seu estudo muito interessa, portanto, àqueles pesquisadores que desejam apreciar "post-mortem" a inteligência de um indivíduo qualquer. Ora, isso foi feito em relação ao cérebro de Gambetta que pesava, como vimos, 1160 grs apenas e cujo exame mostrou serem as suas circunvoluções desenvolvidas, profundas e numerosas. Tal fato leva à conclusão de que o grau de inteligência depende, em princípio, da quantidade de substância cinzenta de que o indivíduo é portador, em determinada porção do córtex.

Na verdade a placenta, havida, outrora, como uma autêntica cortina de ferro, posta entre a gestante e o feto que traz no ventre, é, hoje, considerada uma ampla via de acesso ao ser em formação.(4)

Por ela, poderão chegar ao futuro bebê substâncias químicas tais como os compostos de chumbo, de mercúrio, etc., marcando-o fundamente antes mesmo do seu nascimento.

Observações recentes, confirmando crendices centenárias, mostraram ser tão grande a vulnerabilidade do feto que até as emoções, experimentadas pela genitora durante as primeiras semanas de prenhez, podem influir poderosamente em seu desenvolvimento somático.(5)

Em 1947, o Dr. Tisserand, chefe de clínica em um grande hospital parisiense, após ter examinado certo número de mães, cujos filhos eram portadores de lábio leporino, anunciava, com efeito, que a única conclusão positiva a que havia chegado era a inusitada freqüência do medo, empolgando as mães durante a gravidez.

Pouco mais tarde, os doutores Lyon P. Stream e A. Peer, do hospital de Newark (Nova Jersey) levavam a efeito um estudo abrangendo 228 casos de lábio leporino e de perfuração de véu do paladar que confirmavam plenamente a justeza da conclusão formulada pelo médico francês. O estudo dos dois americanos mostrava, com efeito, que, em 68 por cento dos casos de crianças vítimas daqueles defeitos físicos, as genitoras haviam sofrido um choque psicológico perfeitamente caracterizado — luto, desemprego do marido e dificuldades conjugais — fatos ocorridos entre a oitava e a décima segunda semana de gravidez, ou seja, na época em que, no

(4) A tal ponto era ela julgada intransponível que, em 1933, o grande biologista Jean Rostand não trepidou em declarar "que a gestação nada acrescentava à hereditariedade e que, pelo fato de o bebê se ter banhado durante nove meses no ventre da mãe, não era ele, por isso, mais seu filho. Uma vez que a mãe havia produzido o óvulo, com seus 24 cromossomos, disse o mestre, ela não seria, de então por diante, mais do que uma nutriz estrangeira, em cujo seio o germen habitava. (C. Lorent).

(5) Recordemos que, em exposição feita no IV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, sobre a "Sociogênese do Alcoolismo" o Prof. Josué de Castro afirmou que, na maioria dos casos de etilismo ocorridos em Fortaleza e por ele estudados, as mães dos pacientes haviam sofrido intervenções durante a gestação ou no decorrer do trabalho do parto.

embrião, o véu palatino e os maxilares adquirem a forma definitiva. (Claude Lorent)

O que é válido em relação ao soma terá, por certo, também validez em relação ao psiquismo do nascituro.

Desajustamento sócio-econômico, segregação racial, produzindo traumas repetidos e insanáveis nas mães pretas, em geral, fenômenos agravados, aliás, pela miséria, deficiência e má qualidade dos alimentos por elas ingeridos ao longo do tempo, não poderiam, evidentemente, deixar de influir de maneira desfavorável sobre a descendência, nela causando variados distúrbios neuro-psíquicos e, assim, inferiorizando-a.

Diante de tudo que vimos, impossível admitir seja o sempre apregoado apoucamento intelectual dos negros americanos — por vezes, claramente evidenciado pelo baixo QI, que apresentam, — uma de suas características raciais e, assim, o resultado de fatalidade inexorável.

Aliás, o fato de integrarem muitos deles as elites culturais americanas contrapõe-se a essa abusão radicada.

O que foi dito no tocante ao negro americano tem igual aplicação aos negros africanos que não são melhores, nem piores do que os brancos, consoante proclamou Abel Hovelacque, em seu livro "Les Négres de l'Afrique sous-Equatoriale".

Tal fato ocorre, ainda, em relação às nossas gentes campesinas.

A afirmativa contraria, é certo, a proposição formulada por Euclides da Cunha, segundo a qual o sertanejo seria antes de tudo um forte.

Talvez assim sucede no que diz respeito à sua capacidade de resistência às agressões do meio físico, onde labora, e à sua admirável tenacidade na árdua e diuturna luta pela sobrevivência.

No que se refere, porém, ao intelecto, o homem do campo é, na verdade, um primário. Raros, raríssimos, para não dizer excepcionais, são aqueles sertanejos, de origem humilde, capazes de alcançar êxito material na vida ou ter atuação destacada em qualquer dos variados setores do saber humano.

Apenas os bem nascidos, os filhos de fazendeiros abastados ou de agricultores de ponderáveis recursos pecuniários, escapam ao destino inexorável isto porque tiveram — "in utero" — um desenvolvimento satisfatório.

Na verdade a prole dos vaqueiros e dos roceiros, em geral, semelha à da ralé citadina: é rude e inculta; integram-na, em maioria, indivíduos de baixo QI. Ela, de nenhum modo, constitui, porém, um conjunto de criaturas oriundas de raça inferior ou de mestiços provindos de cruzamentos discordes, como poderia parecer aos menos acautelados. É apenas um conjunto de seres humanos inferiorizados por enfermidades consumptivas e séria deficiência alimentar. É porém, sobretudo, fruto do incompleto crescimento das células nervosas cerebrais, de seus componentes, durante a vida pré-natal. São retardados mentais, também por força do ambiente cultural tacanho, onde lhes decorreu a infância e a juventude. Tal inferioridade é, aliás, perfeitamente sanável, pois um clima de cultura poderá recuperá-los e, até, entre eles, fazer surgir homens de grande talento.